

Outra vez, sustentabilidade.

Simpósio da Esalq apresenta tecnologias para elevação da produtividade a pasto e mitigação de gases de efeito estufa na pecuária



Intensificação, via integração com a agricultura, é uma das ferramentas

MARISTELA FRANCO

maristela@revistadbo.com.br

O conceito de sustentabilidade virou mantra na pecuária de corte brasileira, embora atingir esse nível de equilíbrio produtivo seja tarefa complexa, especialmente em sistemas baseados em pastagens, que compreendem dois componentes orgânicos: o capim e o boi. O tradicional simpósio de manejo de pastagens organizado pela Escola Superior Luiz de Queiroz (Esalq), entre os dias 8 e 9 de setembro, em Piracicaba, foi totalmente dedicado ao tema. O desafio da sustentabilidade na pecuária nacional é grande, conforme explicou Moacyr Bernardino Dias-Filho, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. O Brasil tem cerca de 100 milhões de hectares de pastagens já degradadas, ou seja, com acentuada diminuição na capacidade de suporte, podendo ou não ter perdido potencial para acumular biomassa (produtividade biológica).

A recuperação de uma pequena parcela dessas áreas degradadas já exerceria grande impacto positivo sobre a pecuária de corte. Estima-se que o aumento de apenas 20% na produtividade das pastagens brasileiras supriria as demandas de carne do País pelos próximos 30 anos, além de prestar relevantes serviços ambientais, como garantir cobertura vegetal e matéria orgânica para o solo, facilitar a infiltração da água da chuva, sequestrar

CO² da atmosfera e evitar o desflorestamento. Em função disso, a recuperação de pastagens deve ser o ponto de partida para a adoção de sistemas de produção pecuária sustentáveis. Antes, porém, segundo Dias-Filho, é necessário quebrar velhos paradigmas, como a crença de que o pasto não é uma cultura agrícola e pode ser gerido apenas pelas leis da natureza.

Poder da integração

Além de linhas de crédito específicas para recuperação de áreas degradadas e de serviços públicos de extensão rural, o produtor precisa de tecnologias para produzir carne de forma sustentável. Dentre as alternativas já disponíveis está a integração lavoura-pecuária. Segundo Paulo Faccio Carvalho, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, este é um dos raros sistemas que permite elevar a produção de alimentos com baixo impacto ambiental, evitando a degradação do solo pela erosão, a perda de nutrientes e o uso excessivo de insumos químicos. Ao contrário do que muitos pensam, a presença dos bovinos não causa compactação do solo, a não ser quando o produtor exagera muito na lotação, reduzindo a oferta de capim e obrigando os animais a se deslocar muito pela área em busca de alimento. Nestes casos, pesquisas já registraram um aumento de 100% no número de passos dados por eles, em comparação com situações de oferta adequada.

No geral, em sistemas integrados, o boi favorece a lavoura e vice versa. Segundo Faccio, os dejetos orgânicos dos animais, por exemplo, atuam como agentes “cimentantes”, pois agregam as partículas do solo. A introdução da pastagem no sistema é benéfica também por outros motivos. Ela contribui para a melhoria da composição química do solo, ajuda a diminuir seu nível de acidez e favorece a diversificação da microbiota. Além disso, o capim fornece grande volume de palha para o plantio direto. Faccio recomenda, porém, que se use intensidade de pastejo moderada, independentemente de o sistema adotado (rotacionado ou contínuo), para se garantir tanto quantidade quanto qualidade de forragem aos bovinos, que, podendo selecionar seu alimento, se movimentarão menos pela área, ganharão mais peso individualmente e pisotearão menos o solo.

Nesta linha de raciocínio, Roberto Giolo de Almeida, pesquisador da Embrapa Gado de Corte, lembrou que o potencial da integração no Brasil é enorme. Estima-se que existam cerca de 67 milhões de hectares